

Camila Evelyn Pereira da Silva

Graduação em Pedagogia – UNISUAM

Elizangela Cristina Lima de Almeida de Oliveira

Graduação em Pedagogia – UNISUAM

Sheila Rodrigues da Silva

Graduação em Pedagogia – UNISUAM

Julia Tadeu Silva dos Santos e Paula

Mestre em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis – UCP

Pedagoga; Psicopedagoga;

Professora do Curso de Pedagogia – UNISUAM

RESUMO

O papel do educador atualmente transcende a sala de aula, e a pedagogia social demarca e evidencia essa afirmativa. Os espaços não formais de educação possuem um papel importante na formação cidadã. Nesse sentido, a pedagogia social assume uma perspectiva crítica, apontando os problemas sociais e denuncia a inoperância das políticas públicas. Os espaços não formais de educação, campo de atuação da pedagogia social, são importantes por atender as demandas da população menos favorecida, com acesso à educação, à arte e à cultura. Diante do exposto, esse trabalho aborda a pedagogia social como viés da educação não formal, pois a educação alcança vidas e seu papel e objetivos transcendem as paredes das instituições de educação formal, por transformar e ressignificar a realidade de indivíduos, possibilitando-os o protagonismo em suas vivências. Sendo assim, o objetivo da pedagogia social e conseqüentemente das ações educacionais não formais é a preparação integral do cidadão, instrumentalizando-o para alçar o seu lugar na sociedade. O objetivo deste artigo é apresentar a estrutura educativa que ocorre nos espaços não-escolares, por meio do projeto social *A Associação Meninas e Mulheres do Morro* que funciona em uma biblioteca comunitária situada no morro da mangueira, como uma ferramenta pedagógica que vislumbra a possibilidade de transpor barreiras sociais, políticas e regionais fazendo assim com que a educação possa abranger os citados processos formativos que acontecem não somente nas escolas, mas principalmente na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. A biblioteca entra como fonte de abastecimento para o fazer educacional que precisa e se faz romper os muros da escola.

Palavras-chave: pedagogia social; lúdico; educação não formal; vulnerabilidade social; políticas públicas.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto das nossas discussões e construções ao longo da graduação de pedagogia no Centro Universitário Augusto Motta, que iniciou no ano de 2018. Em nosso primeiro período, tivemos a oportunidade de, através da disciplina de Prática Pedagógica Integradora I, conhecermos a ONG “Meninas e Mulheres do Morro”, sediada na comunidade da Mangueira. Projeto dinamizado por meio da estruturação de uma biblioteca cuja intencionalidade é despertar em crianças e adolescentes o prazer pela leitura, mediante atividades lúdicas.

Utilizando diversos materiais literários, deseja-se contribuir para formação do sujeito em sua totalidade, suscitando sua identidade cidadã, levando-o a interagir consigo, com o outro e com o mundo de forma construtiva, crítica e criativa, além de minimizar a exposição desses atores sociais ao mundo do crime.

A proposta em questão apresenta alternativas qualitativas aos jovens, por meio da citada ONG, que não possuem acesso a atividades produtivas, como cursos para inserção no mundo do trabalho somente a rua e suas interfaces. Infelizmente, a escola não é capaz de suprir essa demanda, sendo necessários investimentos em projetos sociais que caminhem junto à escolarização, para que ocorra possibilidade da construção de uma vida digna e inclusiva.

Com isso, faz-se necessário abordar o tema educação em espaços não formais, especificidade da pedagogia social, para alunos e alunas das áreas de licenciaturas, para que possam compreender e apropriar-se da importância e necessidade de espaços e conseqüentemente profissionais que se dediquem a essas áreas.

Posto isso, nosso trabalho se propõe a problematizar a Educação não formal, por não ser salientada, diante do cenário apresentado. Surgiram diferentes questionamentos acerca da temática, que nos levaram a reflexões pertinentes.

O interesse pelas práticas da educação em espaço não escolar se destina a todos os componentes de uma sociedade, é interesse da família saber onde deixar seu filho enquanto trabalham interesse da escola em saber onde se encontram seus alunos após o período escolar, e principalmente, deveria ser interesse do governo suprir as demandas e ampliar as políticas públicas que apoiem tais iniciativa.

Sabe-se que as desigualdades sociais persistem, principalmente quando o cenário está próximo às comunidades, pois o número de crianças, adolescentes e jovens que ficam ociosos pelas ruas, sujeitando-se, muitas vezes, à criminalidade até mesmo por questões de sobrevivência e, com isso, ceifando futuros que poderiam ser prósperos, por faltarem oportunidades para esses indivíduos.

Faz-se necessário que os cursos de formação na área da Pedagogia abordem a relevância e necessidade da atuação no campo da educação social, percebe-se que em sua grande maioria os pedagogos optam por atuarem nas salas de aulas, ou seja, espaços de educação formal, e não em espaços alternativos de educação não formal.

Alicerçadas nessas inquietações, este artigo objetiva sensibilizar professores e professoras a fim de compreenderem a importância da educação não formal e seus impactos na vida das crianças e adolescentes em vulnerabilidade social. Disponibilizando informações sobre a temática ora apresentada, aos pedagogos em formação, levando-os a conhecerem projetos sociais e simultaneamente o aprofundamento na pedagogia Social.

O nosso referencial teórico será estruturado por meio de três tópicos que se destinam a ponderar os anseios anteriormente abordados. Para finalizar apresentaremos as conclusões finais, porém, iniciais, do nosso trabalho de curso, fruto dos anos vividos e vivenciados em nossa formação em pedagogia.

Pedagogia social – conceituando a nossa inquietação

Antes de apresentarmos o conceito da Pedagogia social, é relevante esclarecer que esse trabalho aponta o relato da experiência vivenciada por nosso time de trabalho, alunas do curso de pedagogia da UNISUAM que visitaram uma ONG na comunidade da Mangueira, fator que inspirou toda nossa trilha de formação acadêmica, fortalecendo nossa escolha profissional.

O trabalho desenvolvido no espaço acima mencionado afirma o que Brandão aponta como Pedagogia Social. De acordo com Brandão (2006), a educação popular está vinculada às experiências educativas desde a década de 1920, fortemente vinculada ao movimento anarquista. Lá meninas e meninos que estão expostos a falta de Políticas Públicas são acolhidos de forma que o processo seja mais valorizado do que o produto.

Na história da pedagogia Social se faz necessário conhecer suas origens e fundamentação, por ter surgido com a premissa de dar respostas aos problemas de ordem sociais que emergem a cada dia.

As demandas no campo social brasileiro são vastas, pois empenham-se a atender às necessidades de crianças, adolescentes e adultos que de alguma forma estão em vulnerabilidade/desvantagem social.

A Pedagogia Social defende o direito à cidadania, por valorizar vivências experienciais de seus atores que promovam saberes significativos, que atentem aos desafios a esses impostos, assim, cada partilha é importante neste processo. Petrus (1997) afirma que Educação Social é análise da realidade existente e reflexão sobre esta realidade, sendo necessário averiguar o que ela é e o que deveria ser.

A educação por si só, segundo Freire (1987) já é “libertadora”, por possibilitar a prática, cultura, sabedoria, ciência, conhecimento, oportunidades, noção e informação. Não existem palavras para definir a importância da educação na vida do ser humano.

E quando Petrus (1997) afirma que temos que averiguar o que a educação deveria ser, são as lacunas deixadas pelo poder público, que acabam oferecendo uma educação devastada e desigual, contrariando as orientações da constituição federal de 1988, “batizada” como Constituição cidadã.

Quando o provimento à educação é exercido devidamente, caminha-se para a superação das desigualdades sociais. A pedagogia social nos move e inquieta-nos, fazendo-nos “*esperançar*”. Segundo Paulo Freire (1987):

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino ... enquanto ensino, continuo buscando, procurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatando, intervir, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (p.16)

A pedagogia social possibilita a viabilização de estratégias para o desenvolvimento integral do aluno, que por sua vez sabe-se que acontece dentro e fora da escola.

Sendo assim, as práticas educativas diversificadas precisam ser ampliadas, tendo como base, o respeito ao saber popular e a autonomia do indivíduo na construção do conhecimento, é preciso reelaborar os saberes e minimizar os impactos do sistema opressor.

Nessa perspectiva, ressalta-se a pedagogia social como uma possibilidade para as questões anteriormente apresentadas. Por ser crítica e por atuar sobre as desigualdades sociais latentes em nossa sociedade.

A experiência legislativa concernente à educação brasileira demonstra que o estado de bem-estar social desse setor, encontra-se ainda carente de uma devida realização. Percebe-se a falta de políticas públicas efetivas que garantam uma educação pública, gratuita e de qualidade. O desenvolvimento de uma escolarização significativa, nos parece não ser uma prioridade, e sim um cumprimento formal com um currículo meramente burocrático.

Freire (1996) nos ensina que toda educação é um ato político, ela não é neutra, não se pode falar de educação fora de seu contexto histórico.

Tendo como base os relevantes aspectos acima abordados, destacamos a ONG meninas e mulheres do morro, que respaldada em uma pedagogia social e crítica desenvolve uma proposta educativa não formal, balizada nas necessidades das crianças e adolescentes da comunidade da mangueira.

A educação não formal segundo Gohn (2006, p.98-99), “designa um processo de formação para a cidadania, da capacitação para o trabalho, de organização comunitária e de aprendizagem dos conteúdos escolares em ambientes diferenciados”.

Infelizmente, a escola não tem estrutura para suprir as necessidades das famílias, mães solas necessitam de espaços adequados para deixarem seus filhos enquanto trabalham, a Ong em questão almeja suprir parte dessa

necessidade, minimizando a desigualdade social encontrada neste território, e ao mesmo tempo denuncia a necessidade de mais espaços semelhante a este, para garantia de direitos e oportunidades a todos as crianças e adolescentes moradores de comunidades.

A Carta da Pedagogia Social aprovada em 2006 no Congresso Internacional de Pedagogia Social, realizado na USP, Mackenzie e UniFMU, reafirma a importância das “práticas de educação não formal” das ONGS e movimentos sociais e sindicais, sustentando que “a elevação da educação não -formal ao de política pública é uma exigência da realidade social brasileira” (GHON, 2006, p.1)

Educadores sociais são movidos pelas histórias que atravessam sua vida, e através delas se movimentam. “Me movo como educador porque, primeiro, me movo como gente” (FREIRE, 2002, p. 106).

Veremos no próximo item a importância dos espaços não formais na formação cidadã, sua história e luta para que esses espaços não sejam vistos apenas como assistencialista e sim como parte responsável pela formação do cidadão.

A importância dos espaços não formais na formação cidadã – uma dimensão significativa da Pedagogia Social

Para compreendermos a importância dos espaços não formais na formação do sujeito cidadão, se faz necessário conhecermos sua conceituação nos primórdios da educação. A trajetória do conceito através dos fundamentos de sua construção, se estrutura frente a necessidade da modalidade, objetivando a compreensão com mais clareza das especificidades do capítulo proposto.

O termo “educação não formal” teve seu início e ascensão no final da década de sessenta no Brasil, seu surgimento teve contribuições nacionais como também internacionais sendo atrelada a pedagogia social. Por essa ter foco no indivíduo em sua relação com o coletivo social, suas construções e formação integral. Este momento foi marcado por críticas ao sistema de educação vigente, por ser instável e não atender às reais demandas da sociedade, era preciso suprir as grandes lacunas existentes.

Esse período foi caracterizado por grandes discussões e críticas sobre a instituição escolar por seu ensino e conceitos oferecidos, sendo assim, o campo teórico da educação não formal surgiu, como possibilidade de reflexão, resgate e opção, a fim de compreender o fosso existente no processo de escolarização.

A partir da nova realidade social, se fez nítido que o modelo implementado na educação formal, juntamente com a educação familiar não davam conta da sociedade emergente suas demandas e peculiaridades.

Entretanto, a proposta de educação fora dos muros das escolas se fazia atual, não havia informações concretas, credibilidade e confiança, era algo atual que despontava para novas possibilidades.

Todavia a necessidade de mudança se fazia de forma crescente e a reorganização do indivíduo na sociedade era algo vital para a construção do meio, sendo necessário medidas resolutivas frente aos obstáculos enfrentados.

Um dos fatores consideráveis para o início da educação não formal foi em decorrência da reorganização da estrutura familiar impactadas pela grande demanda no campo profissional.

Por questões reais e emergentes, a família necessitou de um espaço seguro para acolher seus filhos menores, já que as mulheres começaram a migrar para o mercado de trabalho, uma das vertentes que caracterizou a sociedade moderna.

Esses entre outros fatores impactaram o formato educacional vigente à época, emergindo a necessidade da ampliação de espaços educativos para além dos muros da escola, que atuassem no contraturno escolar. Uma educação possível de ser realizada em tempo e espaços diferenciados. Ou seja, uma educação sistematizada e organizada, porém com flexibilidade.

Nesse momento a educação foi incentivada por movimentos não governamentais (ONGs) e entidades sem fins lucrativos no campo social, com atividades não necessariamente composta pelo currículo escolar, atividades como: artesanato, música, esportes variados, oficinas culturais, jogos e recreação ganharam grande visibilidade e apoio, preenchendo os hiatos do poder público.

Entretanto, mesmo com o grande avanço de ideias e concepções, até à década de 80 a educação não formal, não era observada como um espaço significativo para a formação do sujeito em sua totalidade. Limita-se a pessoas de baixa renda, que possuíam o seguinte rótulo: pessoas sem perspectiva de ascensão social.

As atividades e propósitos da educação não formal, adotavam na maioria dos casos uma perspectiva assistencialista, ou seja, eram destinadas a suprir a carência destinada ao analfabetismo, e preparar de forma rudimentar mão de obra para o mercado de trabalho, respaldada em uma lógica capitalista.

Com as mudanças ocorridas no cenário social, após a década de 80, a educação não formal passa a ser uma aliada, atuando em uma projeção socioeducativa, cuja premissa era minimizar as deficiências existentes no ensino formal, criando estratégias e recursos para a formação do sujeito em sua totalidade.

O homem não pode participar ativamente na história, na sociedade, na transformação da realidade se não for ajudado a tomar consciência da realidade e da sua própria capacidade de transformar [...] ninguém luta contra forças que não entende, cuja importância não meça, cujas formas de contorno não discrimina; [...] isto é verdade se refere às forças sociais[...] A realidade não pode ser modificada senão quando o homem descobre que é modificável e que ele o pode fazer." (FREIRE, 1977, p. 48)

A educação sofre vários percursos, as mudanças ocorridas na atualidade desestabilizaram a sociedade e consequentemente os sistemas educativos. O processo de escolarização proposto pelos órgãos governamentais não dá conta das demandas e necessidades existentes. Essas adversidades favorecem um campo de ampliação da educação não formal, dinamizados fora dos muros das instituições de ensino formal. Segundo Gohn (2006, p. 29-30),

a educação não formal: [...] capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo. Um modo de educar surge como resultado do processo voltado para os interesses e as necessidades que dele participa. A construção de relações sociais baseadas em princípios de igualdade e justiça social, quando presentes num dado grupo social, fortalece o exercício da cidadania. A transmissão de informação e formação política e sociocultural é uma meta na educação não formal. Ela prepara os cidadãos, educa o ser humano para a civilidade, em oposição à barbárie, ao egoísmo, individualismo etc.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96, a educação não se restringe à ambientes educacionais formais, ou seja, na convivência humana, nos espaços familiares, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais, cada qual com sua finalidade e intenção educativa.

De acordo com a lei supracitada, é a educação em âmbito formal a principal responsável pela escolarização do cidadão, entretanto, os espaços de educação não formais, buscam realizar uma ligação do educando com o mundo do trabalho e suas práticas sociais, se realizam em esferas mais amplas, buscando reparar lacunas do poder público referente às demandas educacional e social.

Com isso, os profissionais que optam em atuar nessa área, sentem-se valorizados e reconhecidos, por empenharem de forma crítica e criativa em sua ação profissional e ainda amplia seu espaço de atuação no mundo do trabalho.

Com relação à educação não formal, Libânio (2002), nos auxilia em nossa análise afirmando que a educação não formal seria a desempenhada em instituições educativas fora dos marcos institucionais, mas com certo grau de sistematização e estruturação.

Com isso, podemos vislumbrar que na Educação Não Formal existe a intenção de ampliar objetivos educativos que corroborem para à formação dos indivíduos em sua totalidade como reais cidadãos de direito.

Nesse sentido a pedagogia social como campo de conhecimento, assume uma dimensão significativa na prática da educação não formal, seu propósito é desenvolver práticas educativas alternativas, para crianças e

adolescentes que vivem principalmente em bairros periféricos e de baixa renda, oferecendo subsídios preparando os cidadãos integralmente a fim de conquistarem sua autonomia e exercerem o seu papel na sociedade.

A atuação da educação não-formal empreendida por diversos espaços e instituições, envolvem seus partícipes em atividades produtivas, afastando-os da ociosidade das ruas, sujeitas à uma realidade presente em nosso país, como drogas, cigarro e bebida.

Sendo assim, a criança ou adolescente participante de projetos sociais, amplia seu leque de possibilidades pelo fato de que a maioria das instituições e projetos de educação não-formal desenvolvem seus trabalhos por meio de oficinas culturais, esportivas e profissionalizantes.

Diante desta circunstância, a pedagogia social contemporânea se faz presente, através de ideias defendidas e direitos legítimos de que as oportunidades a educação de qualidade se destinam a todos sem qualquer distinção. Promovendo assim, a capacitação e preparação do cidadão para o mundo, para agir criticamente, com autonomia e emancipação.

A educação social vai além do caráter de formação para o mercado de trabalho e tem como objetivo oferecer aos cidadãos experiências sociais, crescimento integral e organização social. Silva, Souza Neto e Moura (2009) definem a pedagogia social como:

uma ciência normativa, descritiva, que orienta a prática socio pedagógica voltada a formação humana, autônoma e emancipada, proporcionando aos sujeitos analisar as condições de desigualdades sociais, superando, dessa maneira, possíveis vulnerabilidades a que estão expostos, com um intuito educativo (SILVA; SOUZA NETO; MOURA, 2009, p. 70).

A pedagogia social defende que a aprendizagem se dá por meio das práticas e experiências com interação social, favorecendo processos a fim de despertar e potencializar habilidades, oportunizando o direito de integração, transformação, e formação integral a favor de cada cidadão e toda comunidade.

Pautada nessa premissa A Ong Meninas e Mulheres do morro dinamiza em seu espaço de educação não formal, atividades, propostas e projetos que inspirem os seus partícipes a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Seu intuito é ampliar as janelas de conhecimento que envolvem os indivíduos e suas relações sociais.

Esse universo de possibilidades que norteia a prática da Pedagogia social, apresentadas nesse tópico nos encantou e influenciou significativamente a nossa formação profissional, uma das razões que escolhemos esse tema para o nosso trabalho final.

A seguir explicitaremos de forma clara os valores e interesses que fundamentam as intervenções da Ong. Meninas e Mulheres do morro. O relato do capítulo a seguir é o resultado de um trabalho desenvolvido no primeiro semestre do curso de pedagogia na disciplina de práticas pedagógicas I.

Nossa inspiração: Associação Meninas e Mulheres do Morro

Esta etapa deseja relatar que a Associação Meninas e Mulheres do Morro, sediado na comunidade da Mangueira desde a sua criação em 1995, numa área conhecida como Parque da Candelária, Zona Norte da Cidade do Rio de Janeiro, possui extrema relevância para aqueles e aquelas que dela fazem parte. Visto que, ao aumentar as possibilidades de compreensão da leitura, os níveis de conhecimento serão elevados e a capacidade de reflexão seguirá o mesmo caminho. Tornando-se humanizados e conscientes, sujeitos críticos capazes de exercer plenamente sua cidadania.

A educação não formal surge para complementar a educação formal, já que está, sozinha, não consegue responder à todas as demandas sociais. As atividades passam a ser organizadas com uma dinâmica própria [...].’ (QUADRA; DÁVILA, 2016, p. 1).

Segundo o escritor e educador brasileiro Rubens Alves, (1933- 2014) educar é comunicar ideias; provocar inteligência. Fundamentados no citado autor abordaremos o espaço de educação não formal *Meninas e mulheres do Morro*, que oportuniza por meio de ações socioeducativas e processos educativos a sujeitos que em muitos casos encontram-se a parte de ambientes de escolarização formal.

A Associação surgiu a partir da união de um grupo de mulheres que pressionadas pelas dificuldades impostas ao seu cotidiano e por desejarem melhorias para seus filhos e de outrem, empenham-se a favor do desenvolvimento de um espaço que pudesse ao suprir a necessidade de acolhimento e formação para além dos muros da escola para seus filhos.

Assim, foram se fortalecendo como uma família estendida e laços fortes que vão além de vizinhanças. “[...] é inspirador esse movimento que foi crescendo e fortalecendo para transformar o contexto social da comunidade e o nascimento da Associação”, (RIBEIRO, 2021).

O projeto caracteriza-se como um espaço cultural em que funciona uma biblioteca para toda comunidade, e tem como público-alvo crianças, adolescentes e mulheres residentes na comunidade, que atende mais de 250 famílias, a fim de criar um espaço de discussão de questões do cotidiano e valorizar a autoestima a partir de intervenções nas práticas culturais cuja perspectiva é possibilitar a reflexão da comunidade para o pleno exercício de cidadania. Pois como diz Paulo Freire:

Um homem não escolarizado é um leitor, pois interpreta e interfere no mundo que o cerca. Ler é algo independente da escola e do conhecimento intelectual. Ler é uma práxis exclusivamente humana [...].` (FREIRE, *apud*, SILVA, 2012, p. 1).

Diante do exposto, a associação tem como objetivo principal, a prática da leitura, o desenvolvimento cultural e intelectual da criança e adolescente da comunidade. A intenção é criar o hábito e prazer pela leitura,

cujo objetivo é não serem seduzidos pelo poder paralelo, que exerce influência e predomínio nesses locais, influências estas, que são amplamente divulgadas pelos meios de comunicação.

É nesse sentido que a literatura desempenha um importante papel, o de conduzir as crianças e adolescentes não só à aprendizagem, mas favorecendo uma leitura agradável, isto é, sentir satisfação ao estar lendo, promovendo assim a criticidade, de forma lúdica e significativa. A criança e o adolescente passam a adquirir conhecimentos relevantes por meio do mundo da leitura.

É notório como essas atividades colaboram na redução do trabalho infantil e da morte prematura, que é uma realidade nestes espaços de convivências, ajudando esses sujeitos a vislumbrarem um futuro mais digno e com mais oportunidades.

Ainda que a educação não formal ocorra fora do sistema formal de ensino, sendo complementar a este, é um processo organizado, que possibilita impactos satisfatórios na escolarização desses sujeitos e são de grande relevância para os espaços menos favorecidos pelo poder público.

Através das atividades desenvolvidas na Associação, ocorrem mudanças na vida e nas relações dos jovens e adolescentes, que ao adquirirem novos conhecimentos, desenvolvem conseqüentemente novas competências nas áreas cultural, artística, esportiva e tecnológica, promovendo autonomia e protagonismo a esses atores sociais.

A Associação também conta com parcerias, entre elas as lojas de departamento e vestuários C&A, que doam peças com pequenas avarias no processo de fabricação, que são expostas em um bazar para a comunidade que funciona de terça a sexta de 10h às 17h, atendendo as demandas das famílias e captando recursos para a manutenção das despesas e custos operacionais que são concernentes ao projeto. Tais como telefone (internet), energia elétrica e infraestrutura do imóvel.

O Brasil é um país que sofre com a desigualdade social, e essas iniciativas das empresas, relativas à sua responsabilidade social, contribuem de forma a dinamização de espaços educacionais alternativos.

A interação entre o 2º setor (empresa) e o 3º setor (ONG), geram resultados e benefícios comuns, em que a empresa consegue depositar valores sociais e investimentos econômicos, possibilitando o desenvolvimento humanitário, negligenciados pelo poder público. Tornando-se uma força auxiliadora ao bem comunitário.

De acordo com informações disponibilizadas nas redes sociais da Associação, o projeto segue em busca de novas parcerias para potencializar esse trabalho tão significativo para a comunidade.

Porém, assim como toda sociedade, a Associação também foi diretamente impactada com a Pandemia do COVID-19, passando por momentos bem difíceis, por terem perdido parcerias ao longo de 2020 e 2021.

O local continua precisando de reformas, pois é necessário seguir os protocolos indicados pela Organização Mundial de Saúde - OMS. Entretanto,

verbas são necessárias para mantê-lo aberto, que no momento se encontra trabalhando com sérias restrições financeiras.

Em contrapartida, as crianças e adolescentes se encontram na rua à margem da violência, aguardando melhores oportunidades. É nesse contexto que fica nítido a desigualdade social em nosso país.

Segundo Quadra e Dávila (2016), a educação brasileira se encontra no contexto complexo, rodeadas por dificuldades que exige novas opções de ensino. Os ambientes não formais, neste contexto ajudam a atingir esse objetivo.

A eficiência de ONGs nas comunidades é expressiva, e de suma relevância em que jovens que de alguma maneira não teriam perspectiva nenhuma de vida, tanto por circunstâncias sociais como por circunstâncias familiares, têm nesses espaços uma alternativa de constituírem seus projetos de vida.

Uma breve entrevista desenvolvida na comunidade por um dos componentes do nosso grupo de trabalho, em outubro do corrente ano, investigou junto aos moradores sobre a satisfação com o projeto em questão, observamos que a comunidade reconhece a relevância do espaço para o bairro, como observamos na fala de um morador e ex-aluno:

É muito importante iniciativas como estás dentro da favela. Sou negro, de família de baixa renda e morador da Mangueira. Sou o primeiro militar concursado de minha família. Em minha infância Tia Kelly nos incentivava a ler dentro do pequeno projeto, depois das pequenas aulas, éramos agraciados em levar um livro como dever de casa. Eu acho que ela não tem ciência, mas aqueles pequenos atos mudaram a minha história. `` (N. 25 anos e morador da Comunidade da mangueira)

Frente às questões anteriormente abordadas, entendemos que a escola é o local formal privilegiado para a democratização do conhecimento, entretanto, não é o único ambiente responsável pelo processo de formação do sujeito, e portanto, não podemos desconsiderar os espaços de educação não formal, que ao desenvolver um trabalho educativo, focado nas reais necessidades do indivíduo, fortalece a perspectiva de uma formação cidadã, centrada nas reais demandas da sociedade atual. (QUADRA; DÁVILA, 2016).

Relato de experiência: Visita a Associação Meninas e Mulheres do morro

No ano de 2018, tivemos a oportunidade de conhecer a ONG através de uma pesquisa de campo da disciplina Prática Pedagógica Integradora I, com a professora Júlia Tadeu. Logo na primeira aula, a professora pediu que formássemos um grupo de cinco alunos para compor um “Time”, pois um time, dizia ela, precisa estar completo para que a “partida” seja bem-sucedida.

O trabalho proposto era escolher uma instituição formal ou não formal para que pudéssemos conhecer e entender a dinâmica da instituição escolhida, e montar um projeto para propor uma nova ação para a problemática que pudesse existir no local.

Antes de irmos para o espaço físico da instituição, nos reunimos na casa de uma das componentes do grupo. Nesse encontro, planejamos e finalizamos o questionário que seria aplicado na entrevista, perguntas que tiveram como finalidade conhecer o lugar, sua relevância, intencionalidade e a visão daqueles que ali desenvolviam seu amor pela leitura, e assim, propor uma intervenção pedagógica para agregar de forma prática uma ou mais ações resultantes das leituras realizadas.

Ao iniciarmos o diálogo com os mediadores de leitura, tivemos uma recepção bem acolhedora por todos, em especial a coordenadora do grupo, que apresentaram cada espaço do projeto, a coordenadora compartilhou como foi a criação do lugar, suas experiências e os desafios de como o projeto foi fundamental para as crianças e adolescentes do local.

Na Biblioteca, observamos a existência de um lugar bem especial denominado Cantinho da Leitura. Ao visualizarmos, ficamos encantadas. O Cantinho possuía livros, bem conservados e alguns títulos ainda novos. Na realidade, as crianças assistidas pelo projeto, jamais teriam acesso a estes exemplares se não fosse ali, naquele ambiente. Possuía ainda, fantasias. O objetivo destas, era dramatizar ludicamente as histórias ouvidas e lidas por esses pequenos sonhadores. Um espaço rico em imaginação para uma infância cheia de esperança e sonhos.

Vivenciar essa experiência no início da graduação foi desafiador para todas. Tudo era novo, porém, ter entendido que éramos um time e que todas precisavam estar em campo, foi primordial para observarmos o espaço da organização, entender seus desafios e encontrarmos soluções que seriam colocadas em práticas de acordo com a realidade diária da instituição.

A experiência foi tão única e desafiadora, que refletiu em toda nossa graduação, auxiliou de forma única em nosso crescimento como pedagogas e culminou tendo como resultado o tema do nosso TCC (trabalho de conclusão do curso).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos às considerações “parcialmente” finais, sendo assim, desejamos explicitar as contribuições que obtivemos na trajetória e elaboração desse trabalho acadêmico.

O primeiro tópico que tem como tema “Pedagogia Social: Conceituando a nossa inquietação”, apontamos a importância da pedagogia social na vida das crianças e adolescentes em vulnerabilidade social, tendo como pilar o direito à cidadania.

Apresentamos as contribuições da Educação não formal, para formação cidadã desenvolvido na Ong Meninas e Mulheres do Morro que fez, faz e fará a diferença na vida de crianças e adolescentes, que por meio de ações socioeducativas, possibilitando-os visualizar a seus direitos, apontados no Congresso Internacional de Pedagogia Social como "exigência da realidade social brasileira", ou seja, são necessários.

O segundo tópico cujo tema é: “A importância dos espaços não formais na formação cidadã – uma dimensão significativa da Pedagogia Social” aponta as especificidades da educação não formal, e sua relevante trajetória histórica.

Com isso, reafirmamos a compreensão de que a educação se estende para além muros da escola. Pois, ao vivenciar construímos saberes em todos os momentos de nossas vidas, em diversos espaços e de formas diferentes, pois somos seres do meio em constante construção.

Em nossa trajetória social e acadêmica vivenciamos diversos períodos de instabilidades, sobretudo no sistema educacional formal, tal aspecto, desloca nosso olhar para a necessidade em resgatar e valorizar os saberes construídos em espaços educativos não formais.

A pedagogia social dinamizada em espaços educacionais não formais, corrobora por meio de suas ações com a possibilidade de transformação na e da sociedade. Fundamentada na lei, a educação não se restringiu a espaços formais, mas em todos os espaços onde haja interação com o próximo preenchendo as lacunas sociais, objetivando o indivíduo integralmente e suas reais necessidades.

A imersão realizada na “ Associação Meninas e Mulheres do Morro” possibilitou a compreensão de que, a educação pode e deve ser promovida em ambientes educacionais não formais.

A instituição em questão desenvolve importante função para crianças e adolescentes da comunidade local. Por meio de um projeto social que incentiva a leitura, deseja-se ampliar a visão de mundo desses sujeitos em prol de dias melhores.

“ A LEITURA ABRE JANELA E DESPERTA DO SONO A SABEDORIA”.

Rafael Mendes de Oliveira

Temos a clareza que não foi possível sanar todas as nossas inquietações, a elaboração desse artigo foi apenas um pontapé inicial para que possamos nos debruçarmos e inquietar-nos com o campo da pedagogia social.

Finalizamos essa etapa apresentando algumas ponderações que desejam colaborar com o pensamento reflexivo e crítico no campo da Pedagogia Social.

1- A importância da formação profissional para atuar na pedagogia social existe lacunas deixadas na formação educacional dos pedagogos para que a educação social seja vista apenas como um espaço para atuação em caráter voluntário.

A formação precisa ser de qualidade, as universidades precisam promover ações que viabilizem a importância da pedagogia social, valorizando o seu campo de atuação.

E para que a pedagogia social seja vista como aliada no processo de formação do cidadão, é preciso que haja políticas públicas que permitam esta concepção.

2- A educação não formal precisa ser trabalhada de forma interdisciplinar, suas ações precisam fazer sentido com a realidade do educando.

As instituições de educação formal precisam criar vínculos com as instituições não formais?

Até que ponto vai “os muros da escola”, educação formal e não formal são parceiras na formação e escolarização do cidadão?

Por meio dessa pesquisa foi possível um repensar do nosso papel na sociedade e o quanto a educação social é importante para a formação do cidadão.

Até breve.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **A Arte de Educar**. 2018. Disponível em: <<https://psicologiaaaccessivel.com>>. Acesso em: 22 ago. 2021.

BRANDÃO, C. R. **O que é Educação Popular**. São Paulo: Brasiliense, 2006

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF, dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 22 ago. 2021.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes Necessários à Prática Educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra Editora, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra Editora, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra Editora, 1977.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal na pedagogia social**. In: I Congresso Internacional de Pedagogia Social, 1., 2006. Anais eletrônicos. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, Disponível em: <<http://www.proceedings.scielo.br>>. Acesso em: 10 de nov. de 2021.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2002

OLIVEIRA, Rafael Mendes. **A leitura abre janela e desperta do sono a sabedoria**. Disponível em: <https://kdfrases.com/frase/111873>. Acesso em: 10 de nov. de 2021.

PETRUS, Antônio. (org.). **Pedagogia Social**. Espanha: Ariel, 1997.

QUADRA, Gabrielle Rabello; D'ÁVILA, Sthefane. Educação Não-Formal: Qual a sua importância? **Revista Brasileira de Zootecias** 17(2): 22-27. 2016. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/db50/dc7dc639365563a19fbeat6898a722b7e708.pdf> Acesso em: 29/12/2020

RIBEIRO. **Ong meninas e mulheres do morro**. Disponível em https://instagram.com/meninasemulheres?utm_medium=copy_link Acesso em: 01 de nov. de 2021

SILVA, Luzinete Rodrigues. **Leitura, Uma Visão Teórica e Prática**. Portal Educação. Disponível em: <https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/direito/leitura-uma-visao-teorica-e-pratica/14829>. Acesso em 01 de nov. de 2021.

SOUZA NETO, J. C.; SILVA, R.; MOURA, R. A. (Orgs.). **Pedagogia Social**. São Paulo: Expressão e Arte, 2009. 324p. **Pedagogia social: (des)calçada no Brasil e no mundo**. **Educação em Revista** - UFMG, vol. 26, núm. 3, dezembro, 2010, pp. 437-441 Universidade Federal de Minas Gerais Belo Horizonte.